

VERSANDO COM UM GREVEAR¹

Giselly Ferreira Martins²
Ana Lucia Coelho Heckert³

Resumo

Este artigo aborda o verbo grevear como convocação à experimentação de outros movimentos, ritmos e tons no cotidiano de trabalho quando o conjugamos em tempos de vida. Com os movimentos das greves em 2011, 2012 e 2014 no Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) realizamos uma pesquisa de mestrado, visando nos conectarmos com a experiência de grevear. Este artigo apresenta parte do estudo conceitual construído na dissertação de mestrado, incluindo relatos de experiências do/no grevear tecidos no decorrer da pesquisa. Grevear é um *êthos* tecido em meio às políticas de expansão do IFES, afirmando uma dimensão pública nas nossas práticas de trabalho, nos modos de viver a educação pública. Grevear produz momentos de desutilidade nas políticas privatizantes hegemonicamente em curso na educação.

Palavras-chave: Educação profissional, trabalho, políticas públicas, formação.

THE EXPERIENCE OF GOING ON STRIKE

Abstract

This article addresses the Portuguese verb “grevear” (experience of going on strike) as an invitation to experimentation of other movements, rhythms, and workday shades when we employ this verb in life times. With the movements of the 2011, 2012 and 2014 strikes at the Federal Institute of Espírito Santo – IFES, we carried out a master’s study aiming at connecting with the experience of going on strike. This article presents part of the conceptual study built on the master's dissertation, including reports of experiences of/in striking woven in the course of the research. “Grevear” is an *êthos* woven within IFES’s expansion policies, which reinforces the public dimension in our work practice, our ways of life, and in public education.

¹ Esse artigo resulta da dissertação de mestrado “Versando com um grevear entre políticas de expansão no IFES” apresentada ao Programa de Psicologia Institucional (PPGPSI) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

² Mestre pelo programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: gisellyfm@yahoo.com.br

³ Pós-doutora em Psicologia Social no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UERJ. Atualmente é professora associada IV da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: anaheckert@uol.com.br

Also, the experience of going on strike produces moments of uselessness in the hegemonic privatizing policies that take place in education.

Keywords: Professional education, work, public policies, formation.

Este artigo é um desdobramento da dissertação de mestrado intitulada “Versando com um grevear entre políticas de expansão no IFES” apresentada ao Programa de Psicologia Institucional (PPGPSI) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Uma das entradas desta pesquisa é o verbo grevear discutido a partir dos movimentos das greves de 2011, 2012 e 2014 no Instituto Federal do Espírito Santo (IFES). Discorreremos sobre este verbo e a convocação da experimentação de outros movimentos, outros ritmos e tons de cotidiano de trabalho quando o conjugamos nos tempos de vida.

Com os movimentos de greve, os processos de expansão do IFES⁴ foram colocados em discussão, assim como um projeto de escola que se perspectiva com as lutas dos trabalhadores. Dessa maneira, os modos de gestão, as condições de trabalho e a estrutura física dos campi do instituto, produzidos em meio às políticas de expansão da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, foram elementos de construção desses movimentos paredistas.

Nesses períodos de greve, a rotina usual dos trabalhos foi interrompida, no entanto, a participação em inúmeras outras atividades foram intensificadas. Tais como: manifestações em Brasília, passeatas e panfletagens nas ruas, aulas públicas, assembleias e plenárias nas organizações sindicais, participações em diversas reuniões entre toda a comunidade acadêmica, lanches partilhados, exibição e debate de curtas metragens, caravanas de trabalhadores entre os campi da rede entre muitas outras atividades que foram inventadas e efetuadas.

⁴ Os processos de expansão da educação profissional são analisados com suas singularidades por alguns autores, dentre eles Lima Filho (2015) e Silva (2015). A expansão do IFES faz parte deste processo que combinou também a transferência de recursos públicos para setores privados. Esse modo de expandir a educação profissional, que opera o fortalecimento de setores privados da educação em detrimento da Rede Federal via transferência de recursos públicos, torna-se possível em virtude da efetivação de uma política neoliberal entre nós, atualizada nos modos de gerir o Estado.

O que a participação nessas atividades anunciava e enunciava? Quais experiências foram possíveis de serem tecidas com esses encontros? O que perdura? O que pode ser aprendido com uma Greve? Estas problematizações nos convidam a conversar com as intensidades vividas, com a experiência de *grevear* e a acompanhar uma movimentação contínua e incessante que se atualizou nos trabalhadores do IFES em meio à produção das políticas de expansão do instituto.

No trabalho de pesquisa que frutificou a redação desse artigo efetuamos 10 entrevistas a fim de continuar a exercitar um modo de conversar que nos conectasse a experiência de grevear. Esforçamo-nos para realizá-las com um manejo cartográfico (TEDESCO, SADE, CALIMAN, 2013). As entrevistas foram pautadas em um roteiro semiestruturado aberto à intervenção dos participantes. Elas se deram com trabalhadores do IFES, professores e técnicos administrativos, lotados em diversos campi da rede, tanto da Região Metropolitana de Vitória quanto de outras regiões do estado do Espírito Santo (ES). Neste artigo apresentamos parte do estudo conceitual construído na dissertação, destacando alguns relatos de experiências do/no grevear.

Reiteramos que em tempos de greve, ao alterarmos as rotinas usuais de trabalho para colocá-lo em questão, deslocamos o nosso olhar e a nossa sensibilidade para o que tem acontecido entre nós em tempos do trabalho cotidiano. Dito de outro modo atentamo-nos e nos questionamos: O que se passa entre nós e conosco? O que nos acontece? Por entre as experiências pulsando irrompe-se um verbo.

O irromper de um verbo

“Tudo o que não invento é falso” (BARROS, 2004, p. 67).

Narram que há muito tempo, nas margens do Rio Sena em Paris, existia uma prainha arenosa cheia de gravetos, na qual, reuniam-se trabalhadores que haviam cessado suas rotinas de atividades por insatisfação com as condições de trabalho. A etimologia da palavra *Grève* está relacionada a um lugar público e comum aos trabalhadores.

Inspirados pela etimologia *Grève*, conectamo-nos a um modo de fazer história que produz vários elementos para o significado do que chamamos de Greve. Histórias que se entrelaçam a uma Greve experimentada, vivida e, assim, que são várias ao mesmo tempo. Greves são produzidas de várias formas ao longo dos anos e também é composta pela variação e multiplicidade de um plano de forças. Assim, histórias de Greves ao serem contadas podem transmitir elementos da experiência das pessoas, elementos que em si carregam não apenas as formas que se efetuaram, mas uma gama de forças que as acompanham e as produzem.

Nessa direção, ao acoplarmo-nos com “uma Greve” experimentada/vivida expandimos as possibilidades de sentidos e significados da forma instituída “A Greve”. Essa forma, noticiada nas grandes mídias e/ou comumente relatada nos livros hegemônicos de História, por vezes, se alia a modos de compreensão transcendentais desconectados das múltiplas e plurais histórias e vetores de forças que compõem um processo de luta.

Ao pensarmos as nossas experiências de trabalho no tecer, cotidianamente, a educação pública e, principalmente, as nossas experiências de trabalho nessas greves de 2011, 2012, 2014 no IFES, criamos o verbo *grevear* para remetê-las como experiências de expansão de/em nós mesmos, trabalhadores. Expansão nos modos de compreender e produzir o nosso trabalho, ultrapassando os limites postos pelas prescrições, alargando as possibilidades de ações para além do cumprimento das tarefas burocráticas. Experiência de expansão de/em nós mesmos (trabalhadores) que por efeito amplia e qualifica as nossas intervenções no trabalho corroborando, assim, com a transformação e invenção dele.

Dessa maneira, estamos interessados principalmente, em compor com um modo de fazer ético, estético e político⁵, que nos permite acessar um plano coletivo e

⁵ Neves (2002) nos ajuda a compreender o paradigma ético estético e político proposto por Guattari (2012, p. 157) da seguinte maneira: “ético, no que se refere ao desejo de diferir e acolher a diferenciação constante; estético, no que se refere a tomar a existência e as práticas nas quais se produzem como matéria de criação e outramento; político, porque requer a problematização e a desnaturalização constante dos intoleráveis que atravessam a nossa existência e nos servem como indicadores de nossas ações em relação a nós mesmos e aos outros.” Para aprofundar a discussão

intensivo de forças via experiência de grevear. Nessa direção, ao analisarmos uma Greve sob um mergulho nos interstícios das relações entre *planos de forças e de formas* (DELEUZE; PARNET, 2004) podemos afirmar que, esse modo singular, verbo-experiência grevear, pode transfigurar-se com o acoplamento a outros fluxos de forças, em outros contextos. Inventam-se, desse modo, infinitas formas de expressão de verbos-experiências e não há garantias dos resultados, mas sempre haverá princípios no proceder da criação dos mesmos. Assim, greveamos, não apenas em tempos de Greve. Greveamos, em tempos de vida.

Grevear em tempos de vida é uma aposta que fazemos no sentido de expandir para o cotidiano de trabalho o exercício de pausar o tempo acelerado, “o corre-corre de todo dia”, para colocar em discussão e crítica as nossas práticas de trabalho, de vida. Pausar o tempo, como um “nadar contra a corrente”, a fim de nos atentarmos e interpelarmos as produções feitas “a toque de caixa”.

É curioso como esse exercício de pausar o tempo, nos faz ganhá-lo já que efetuamos uma relação de presença nele/com ele. Temos atualizado constantemente, “com tudo e com todos”, uma relação de mercadoria, nesse sentido, Larrosa (2011) nos traz que ao atualizarmos, também com o tempo, esse tipo de relação em que “não se pode perder tempo”, “não se pode ficar para trás”, seguimos um curso acelerado em que já não temos tempo (LARROSA, 2011). Quantas vezes sentimos que não temos tempo para efetuar pausas?

Com essa perspectiva, estamos denominando aqui de grevear um modo singular de engenho na vida, que nos remete a uma disponibilidade a (re)encantar-se pela necessidade de lutar. Um deslocamento usual de nos fincarmos numa posição, de nos movermos por oposições, proposições, imposições – expondo-nos aos riscos e perigos de atravessar todos esses movimentos. Acreditamos que lutar é inerente à vida. E confiamos na potência de produção de realidades que é o viver, o existir. No entanto, estamos interessados, também, em afirmar que essa disponibilidade a (re)encantar-se pela necessidade de lutar é um exercício. Grevear é efetuado com

acerca desse paradigma que coloca em questão paradigmas cientificistas recomendamos a leitura de Guattari (2012)

exercício, não segue uma regra pronta e não está dado *a priori*. Grevear é constituído coletivamente por um deslocamento usual e importante, sobretudo em dias atuais, nos modos de trabalhar na educação pública. Grevear é uma interferência que efetua paradas em movimentos privatizantes.

Grevear é tecido com um *labor* no deslocamento de nós mesmos em relação com as práticas que empreendemos efetuando cuidado com a dimensão pública da educação pública. Um cuidado com o fazer e viver a educação pública que não se faz apenas pelas vias hegemônicas: do controle, da tutela e do consumo. Um cuidado que na sua efetuação produz um *êthos* que afirma a vida na sua dimensão coletiva e impessoal. E assim, a produção desse *êthos* na educação pública opera na construção de práticas que afirmam uma dimensão pública nos modos de trabalhar, de viver. Pois, acreditamos que a dimensão pública é afirmada quando a produção das práticas se conecta a um plano coletivo e intensivo das forças em movimentos.

César (2008, p. 12) apostando na impossibilidade de uma vida solitária e independente de cuidados entre os seres faz um estudo afirmando a produção de grupalidade como uma dimensão coletiva da existência. Para essa autora, a questão dos grupos é uma oportunidade de acessar um plano de grupalidade que se faz indissociado de um plano coletivo e intensivo de forças que nos constituem. Um plano de grupalidade que não se dá em relações dicotômicas tais como: Fora x Dentro, mas em engendramento mútuo, em uma paradoxal experiência de “um fora no dentro”. Além de nos sinalizar que os grupos são uma boa oportunidade para experimentarmos

A feitura de nós mesmos na direção do outro, uma boa ocasião para vivermos outras relações, uma boa prática para entendermos que o que quer que façamos de nós mesmos depende da construção conjunta que fazemos com o outro. O que fazemos de nós é ainda uma aposta no que podemos fazer juntos. (CÉSAR, 2008, p. 16)

Ao apresentar um levantamento das contribuições de Foucault a respeito da produção de ética, César (2008, p.56) nos traz que o *êthos* “aparece como algo produzido [...] que se constitui no decorrer da vida [...] é aquilo que ao longo da prática traz a possibilidade de uma transformação [...]”. E ainda, um *êthos* pode ser

compreendido como “a maneira de ser e a maneira de se conduzir” (FOUCAULT apud CÉSAR, 2008, p. 56).

Foucault (2011a, p. 11) ajuda-nos a compreender que na efetuação de um *êthos* ao menos três direções indissociáveis entre elas são atualizadas, direções que coexistem ao mesmo tempo e que acompanham a efetuação de um *êthos*. Uma que caminha na afirmação de ‘[...] uma atitude, um certo modo de encarar as coisas, de estar no mundo, de praticar ações’; outra que diz de ‘[...] uma forma de atenção, de olhar, de converter o olhar, exercitar estar atento ao que se pensa e ao que se passa no pensamento’, e, por fim, ‘[...] ações pelas quais nos assumimos, nos modificamos, nos transformamos’.

Consideramos que uma produção coletiva de práticas públicas dos trabalhadores do IFES forjou entre nós a constituição do grevear, um *êthos* tecido em meio às políticas de expansão do IFES.

Sensibilizamo-nos, assim, à efetuação do grevear com a participação em um movimento de Greve, no entanto, por ser um *êthos*, grevear não possui um lugar fixo, ele é efetivado a depender do modo como empreendemos nossas práticas na direção de afirmarmos uma dimensão pública nelas e com elas. Como dissemos temos atualizado uma relação de mercadoria “com tudo e com todos”, assim, podemos acionar esse modo privatizante de nos relacionarmos também com as lutas que empreendemos. Entre atualizar publicização ou privatização há um limiar cheio de capturas. Essas capturas possuem sutilezas que se colocam como estratégias de efetuar um privado em nós e conosco, um individualismo que não nos fortalece e que não nos agrega.

Destacamos, ainda, que na efetuação de um grevear, somos instigados a desnaturalizar a conjugação dos “verbos da vida” uma vez que, vivemos uma experiência de formação e assim transformação das nossas práticas. Essas se forjam sensíveis a outros sentidos que não só o hegemônico, o já dado, o clichê produzido pelas relações de poder (FOUCAULT, 2010). E, nesse sentido, a sua produção está indissociada do exercício laborioso de transformação nos modos de trabalhar, de viver, afirmando uma dimensão pública e potencializando a criação de novas e outras

realidades, rompendo, ainda que momentaneamente, com a realidade privatizante em curso.

Grevear, por efeito, fabrica novos e outros enunciados. De modo a zelar pelo que nos é caro, pelo que nos alimenta e faz viver e não sobreviver apenas. Grevear é *êthos* que na sua efetuação cria modos de problematizar as formas privatistas instituídas de trabalhar, de fazer e viver a educação pública. Grevear cria e inventa, por efeito, as rupturas nesses modos privatistas e intimistas de expansão da vida, de fazer e viver o trabalho na educação pública. Por desdobramento da efetuação do verbo-experiência *grevear*, processos de expansão de vida digna para todos e qualquer ganha um *plus* de forças. Mas é importante destacar que a invenção dessas rupturas se dá por efeito das práticas coletivas, ou seja, grevear é um *êthos* e ser inventivo não é a sua obrigação, não é a sua meta, ou a sua prescrição.

Nessa direção, é caro para nós pontuarmos que Grevear está relacionado aos processos de trabalho, de vida e ao mesmo tempo é desútil. A ação de grevear não opera servindo e nem criando serviços. É desútil e não inútil.

Assim, para compreendermos melhor essa desutilidade presente no/com grevear chamamos a atenção para a desutilidade presente na cena compartilhada em uma das aulas de Ulpiano (1995), na qual se refere a um músico, Olivier Messiaen, fazendo uma distinção entre tipos de cantos de pássaro. Essa cena segue abaixo em um recorte que fizemos da transcrição da aula ministrada por Ulpiano no dia 16 de janeiro de 1995, intitulada: Aula 1 “Corpo Orgânico e Corpo Histérico”.

Na primavera, os pássaros, praticamente todos eles, fazem o canto do amor – que é um canto de sedução geralmente feito pelos machos. Esse canto de amor – evidentemente- tem uma função específica: serve à espécie – porque o amor permite a reprodução; e serve aos prazeres do indivíduo. Seria esse canto- que eu chamei de canto de amor – que ocorre em todas as primaveras.

O outro tipo de canto, diz ele, que é entendido por todo e qualquer pássaro – é o grito de alarme. Os pássaros – através do gorjeio – fazem o canto de amor e o grito do alarme [...] ambos os cantos estão a serviço do organismo- das funções dos órgãos; no sentido de que um canto – o canto do amor – tem como único objetivo prestar um enorme serviço à espécie; ou seja – à evolução da espécie, e assim por diante.

Mas de outro lado, Messiaen vai falar num terceiro canto [...] esse terceiro canto de que Messiaen nos fala, é o canto que alguns pássaros fazem para o pôr do sol – ou [melhor] : para o crepúsculo e para a aurora. Esse canto não tem nenhum objetivo orgânico e não presta nenhum serviço à espécie ou ao indivíduo: é o canto gratuito – que o pássaro produz, não importa os perigos que ele corra. Segundo Olivier Messiaen, [o canto gratuito] é de uma extraordinária beleza! E quanto mais forte for o crepúsculo; quanto mais se espalhar a cor violeta; e quanto mais bonita for a aurora – mais esplendorosos os temas e motivos que o pássaro canta. (ULPIANO, 1995).

O canto gratuito é emitido pelo pássaro que em francês é chamado de grive e em português tordo. O intensivo do canto gratuito se faz possível pela radicalidade de um encontro. Um encontro que modifica os ritmos, tons e intensidades do canto emitido. O canto gratuito é um canto que se dá no encontro, que se constitui na imanência mútua do pássaro com a aurora/o crepúsculo. “Há no mundo alguma coisa que força a pensar. Este algo é o objeto de um encontro fundamental e não de uma reconhecimento” (DELEUZE, 1988, p. 231).

O canto gratuito é um canto transmitido tal qual a palavra abandono na poesia de Manoel de Barros “A palavra funcionava dentro e fora das pessoas. Eu não sabia se era o lugar que transmitia o abandono às pessoas ou se eram elas que transmitiam o abandono ao lugar. Eu conhecia a palavra só de nome. Mas não conhecia o lugar que pegava abandono” (BARROS, 2006). Qual a importância do canto gratuito? O que pode o encontro do pássaro grive com a aurora/o crepúsculo? O que pode ser transmitido? Se o grevear fosse um canto emitido, não seria ele, pois, um canto gratuito?

Rodrigues e Silva (2010, p. 7), ao trazerem em seus estudos a obra de Manoel de Barros, ajudam-nos a notar que desutilidade é diferente de inutilidade. A *desutilidade* trabalhada por eles e com a qual compartilhamos “[...] pode ser entendida como aquilo que *des-faz* utilidades, ou melhor, que recusa o imperativo do útil. Imperativo amplamente bradado com o tom urgente da pergunta: Para que isto serve? Qual a sua utilidade?”

Concordando ainda com Rodrigues e Silva (2010, p. 7), no que tange às *desutilidades* não faz sentido perguntar: “Qual o seu préstimo? Mas urge perguntar: Qual a sua importância? Radical diferença entre utilidade e importância”. Desse modo,

reiteramos que grevear é desútil e extremamente importante à vida, ao trabalho na educação pública.

O que pode ser transmitido via encontro entre trabalhadores do IFES nos cotidianos de trabalho dos campi? O que pode ser transmitido via encontro entre trabalhadores do IFES que cessam suas rotinas de trabalho por insatisfação com as condições prescritas? Qual a importância do grevear em tempos de expansão no IFES?

Tornamo-nos sensíveis aos movimentos dos trabalhadores do IFES e acompanhamos algumas práticas que constituem um *grevear* em meio ao processo de expansão da rede federal de educação profissional no Espírito Santo. Para nós as conversas efetuadas com os trabalhadores do IFES apontaram que grevear é produzir momentos de inutilidade nas políticas privatizantes que circulam pelas escolas públicas. Grevear é também afirmar o inútil em nossa existência.

Grevear: Conjugações entre Vida, Pluralidades e Políticas de Educação

Importamo-nos com a sinalização indicada por Benjamin, e alguns outros autores contemporâneos, que hegemonicamente temos atualizado uma pobreza em experiências, somos produtores e consumidores de muitas informações e opiniões, e ao mesmo tempo, vivemos pouca experiência. Muito acontece, mas pouco nos passa e pouco nos acontece, pouco nos co-move. (LARROSA, 2011)

Assim, é caro para nós a existência de práticas que se co-movem com a educação pública, ainda que exercidas por um grupo “menor”. Por “menor” estamos nos referindo a uma minoria cuja força de transformação não se define por sua quantidade. Aprendemos com Deleuze e Guattari (2011, p. 55) que “menor” tem relação com uma potência de variar com o que é o modelo padrão, constante, homogêneo. Uma vez que:

[...] maioria implica uma constante, de expressão e de conteúdo, como um metro padrão em relação ao qual ela é avaliada. Suponhamos que a constante ou o metro seja homem-branco-masculino-adulto-habitante das cidades- falante de uma língua padrão- europeu- heterossexual qualquer (o Ulisses de Joyce ou de

Ezra Pound). É evidente que “o homem” tem a maioria, mesmo se é menos numeroso que os mosquitos, que as crianças, que as mulheres, os negros, os camponeses, os homossexuais etc (...) a maioria supõe um estado de poder e de dominação, e não o contrário. Supõe o metro padrão e não o contrário.

Sendo assim, acreditamos que ainda que invisibilizado pelas relações de poder, um grupo minoritário pode acionar mudanças e transformações nas formas instituídas em curso. Como se efetuam as minorias no IFES? Como elas fazem o “metro padrão” do IFES variar?

[...] Simboliza a grandeza dessa greve de 2011. E mais do que isso, mais do que qualquer coisa, uma quebra de paradigmas porque até aquele momento ali, o IFES era muito o campus Vitória. Mas a partir dali apareceu muita coisa do interior do estado. Muita gente tinha medo de se manifestar politicamente, falar e emitir sua opinião. O debate estava muito abafado. Existiam insatisfações, mas não existia local pra falar dessas insatisfações. E a partir dali isso foi um divisor de águas, pra quem era novo, principalmente, começar a ter mais voz. [...] a greve de 2011 ela mostra muito isso pra mim. E no percurso dela, claro que muita gente também cansou, muita gente viu que isso não é pra si, não se identifica com essas lutas. E eu acho que as lutas, também, se dão, principalmente, no dia a dia. A greve ela é um momento de – não de exceção porque as leis não são suspensas- mas de exceção na nossa rotina, momento especial onde você para tudo, uma situação limite. Mas a luta também é diária, ela é mês a mês (Trabalhador do IFES).

Acrescentamos essa linha de conversa visando dialogar com isso que o trabalhador denomina de “quebra de paradigmas” no IFES. Avaliamos que o exercício das práticas públicas que efetuam o grevear em meio à políticas de expansão do IFES coloca em cena a coexistência de tradições múltiplas na rede capixaba, seja a do ensino em exatas, seja a da arte na pesca ou do trato com a terra, por exemplo. Operando um questionamento a qualquer relação de hierarquização entre as tradições coexistentes. Indagando, também, uma certa linearidade na história do IFES produzida, por vezes, por uma centralização na história do campus de Vitória. Este possui mais de 100 anos de história, no entanto, coexiste com outros campi na rede que possuem suas trajetórias, não são a-históricos, assim, é preciso estarmos atentos a heterogeneidade que compõe de histórias a trajetória do IFES.

Talvez nos dias atuais em menor proporção, mas ainda operante, circulou entre os trabalhadores do IFES um discurso que sinalizava que o campus de Vitória era o modelo a ser copiado, o padrão a ser seguido. De modo que ao surgir uma dúvida de como proceder em determinada situação privilegiava-se um: “vamos ligar pra Vitória pra ver como eles vão fazer”. No entanto, essa receita de solução atualizada entre nós, constringia as possibilidades de construção coletiva de outras saídas, inclusive mais condizentes com a realidade local de cada campus que não é Vitória. Constrangimento da possibilidade de invenção enunciado sutilmente num “Ah! Isso não pode, porque Vitória não está fazendo assim”.

Assim, grevar nos permitiu atentar, ainda, para as constantes atualizações de relações de moralização que nós engendramos com uma tradição, ou seja, também em relação a uma tradição podemos operar um engessamento da mesma em padrão a ser seguido, ou modelo ideal a ser copiado. E assim, ao ser engessada, essa tradição perde a sua força processual e ganha formato de “informação”. Desse modo, as pessoas passam a se relacionar com ela como uma espécie de cartilha, e não como uma experiência de contágio e transmissão de riqueza em vida. Algo que se considera tão importante e que, por isso, mesmo precisa ser passado a diante. Ao contrário, a moralização estanca a vitalidade processual de uma experiência, ao polarizar em “Certo” x “Errado”; simplifica as relações e força um trato homogeneizador com as possibilidades de construções dessas relações. Além de produzir rótulos que abafam as nossas diferenças ao mesmo tempo em que nos distância uns dos outros.

Por efeito dessas práticas de moralização e engessamento nos modos de trabalhar e viver no IFES, processos de idealização são engendrados e alimentados nos mais diversos campi da rede formulando, também, “O aluno bom” via práticas de comparação e valorização a um aluno “ideal”: “O da antiga Escola Técnica”!

Algumas críticas a esse processo de idealização comparecem, também, nas entrevistas efetuadas. Discutíamos que essa idealização segue uma lógica dicotômica e, assim, ao fabricar o “bom aluno”, opera codificando também “o aluno ruim”, “o aluno fraco”. As práticas que movem esses processos de idealização de alunos, juntamente com as práticas que produzem moralização de tradições, dificultam a

operação dos processos formativos efetivamente públicos e democráticos. Não podemos perder de vista que a dimensão pública ganha *plus* de força nas nossas práticas quando trabalhamos com o real, com o que somos e com o que nos tornamos ao nos encontrarmos com os imprevistos e os desafios que compõe as nossas realidades de trabalho, de vida e com os quais precisamos lidar e lidamos cotidianamente.

Lidar com esses desafios é corroborar com a produção contínua e cotidiana de excelência nos processos formativos. Não uma excelência pautada no esforço individual e na exclusão de muitos. E sim, uma excelência construída com uma ampliação dos modos de compreender e engendrar as práticas pedagógicas, ou seja, uma excelência em que os processos de ensino-aprendizagem são habitados mutuamente por trabalhadores e alunos, alternando os lugares pré-estabelecidos de quem ensina e de quem aprende. Como nos sinalizou o professor da UFES do curso de Pedagogia, Marcelo Lima, em um debate no auditório do IFES / Campus Vitória quando da discussão sobre o fechamento de um curso do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) nesse campus:

Excelência não apenas do ponto de vista científico e tecnológico, mas também, pedagógico. Porque se o IFES tiver o seu sucesso baseado na sua capacidade de selecionar, estratificar, elitizar, ele não vai provar a sua grande capacidade pedagógica. (LIMA, 2015, anotações do áudio gravado pelo SINASEFE⁶/seção IFES do ato S.O.S PROEJA no auditório do campus Vitória)

Dessa maneira, a produção de excelência no IFES se faz, também, quando conseguimos operar um aumento da comunicação entre nós para além das caixinhas que nos dividem em categorias: professores x alunos x técnicos administrativos etc. e nos subdivide: técnicos do ensino, técnicos do administrativo, professores disso, professores daquilo, entre outros nomes e classificações.

Consideramos assim, que a efetuação do grevear no IFES coloca em funcionamento forças de variação e transformação que aumentam “graus” de

⁶Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica, Profissional e Tecnológica (SINASEFE)

comunicação entre nós, tanto nos dias de greve, quanto no dia a dia do trabalho. Pois, o grevear se esforça na construção de conversas transversalizadas entre nós. Por meio de conversas que colocam em funcionamento uma “transversalidade” (GUATTARI, 1987)⁷ que rompe ao mesmo tempo com a verticalidade das hierarquias e a horizontalidade das categorias em que somos constantemente reagrupados, operamos um deslocamento em nós mesmos do nosso lugar de “poder e saber” permitindo-nos com isso, reformularmos nossas certezas na direção de uma produção de apostas comuns ao coletivo que se acessa com essas conversas.

Nessa direção, lembramo-nos de um debate acerca do ensino de humanas no IFES, que ganha um espaço de discussão e encaminhamentos de ações com a formulação do “I Seminário do Sinasefe IFES sobre o ensino de Humanidades”, ocorrido em 2013, ainda com o gás das mobilizações de 2011 e 2012 dos trabalhadores do IFES. Esse culminou na escrita coletiva de uma carta dos trabalhadores que foi enviada a reitoria. A produção dela foi um instrumento de luta para sinalizar a atenção dos trabalhadores as práticas que fazem do ensino de humanas uma “perfumaria”, um “adereço” ao processo de formação engendrado em uma instituição tecnológica e profissionalizante. E ainda, que a relação construída com a tradição no ensino de “disciplinas de exatas” podem nos inspirar a cultivar um maior cuidado no trato com as “disciplinas de humanas”. Na época da escrita dessa carta, por exemplo, era repetida no IFES, principalmente nos novos campi da rede, a prática de professores de história ministrarem disciplinas de outras áreas de humanas, tanto pela ausência de contratação desses outros professores quanto pela legitimação de editais de contratação conjugados do tipo História/Filosofia.

Na ocasião desse “I Seminário do Sinasefe IFES sobre o ensino de Humanidades”, trabalhadores vieram de vários lugares diferentes da rede, seja pela lotação de seus campi de trabalho, seja pelos cargos e atribuições que executavam nos

⁷ A noção de transversalidade foi esboçada por Guattari (1987) para analisar o modo como os grupos se constituem e se comunicam. Ampliar graus de transversalidade, para este autor, é aumentar o índice de comunicação entre e intra grupos, de modo a deslocar a comunicação de um nível exclusivamente horizontal (as categorias) ou exclusivamente vertical (o lugar no organograma), efetuando transversalmente.

campi. Reuniram-se no auditório do Campus Serra e construíram análises e questionamentos acerca dos processos formativos e dos processos de trabalho do IFES, compreendendo que a produção do ensino de humanas é um processo que diz respeito a todos nós, não apenas aos professores que ministravam disciplinas de humanas no IFES.

Dessa maneira, é importante sinalizarmos que efetuamos uma dimensão pública em nossas práticas em meio às tensões, às questões que se colocam, aos desafios, às heterogeneidades e às multiplicidades dos territórios em expansão na Rede. É com esse território múltiplo e diverso, co-engendrado conosco, constituem-nos e é por nós constituído, que a necessidade de produzirmos uma atenção a produção de nossas práticas se faz. Assim, é importante sinalizarmos que a afirmação da dimensão pública em nossas práticas se dá em meio a essas tensões e não fora delas.

Compartilhar experiências e co-habitar um plano coletivo de forças que acionou em nós a efetuação do grevear nos fez atentar como nos tornamos inventivos e fortalecidos quando nos misturamos e nos disponibilizamos a trabalhar juntos. E quando dizemos “juntos”, não estamos nos remetendo a consenso, a “igualdade” e nem mesmo a somatório de pessoas em um mesmo espaço geográfico. E sim a uma produção coletiva de apostas comuns, como discutíamos ao falar de conversas transversalizadas entre nós, que implica uma co-produção coletiva de nós mesmos na direção de re-inventar nossas práticas e diferenciá-las da manutenção dos modos hegemônicos privatistas de trabalhar, de viver.

Acreditamos que o esforço de pausar o tempo acelerado e produzirmos entre nós esse “estar junto” aumenta a nossa potência criadora e nos fortalece não apenas porque dividimos as tarefas que nos tomam seja em um movimento de greve, seja no dia a dia do trabalho. Dessa maneira, a produção de uma co-gestão das ações efetuada com o grevear não está dissociado de uma co-produção, coletiva e mútua, de nós mesmos em relação as práticas que efetivamos. Assim, com a efetuação do grevear, não nos juntamos para dividir tarefas. E sim, “estamos nos fazendo juntos”, a inventividade é aguçada pelo compartilhamento das forças coletivas que nos

produzem e são por nós produzidas e, por isso, não dividimos as tarefas, como se elas já existissem a priori, nós as inventamos juntos.

A efetuação do grevear também é movida e fortalecida com a participação dos alunos. Presenciamos a participação e mobilização deles nas marchas em Brasília, nas atividades de diálogo e na panfletagem com a população nas ruas, nos lanches coletivos e partilhados nos campi, entre outras atividades nas greves que ajudamos a compor. O esforço de fazer de uma greve um espaço de discussão coletiva se faz com o exercício de abertura à presença e as interferências de toda a comunidade escolar. Vimos que na greve de 2014 uma movimentação de estudantes do campus Piúma se articulou e construiu falas nas assembleias dos trabalhadores, divulgavam que haviam solicitado à direção do campus onde estudam uma “suspensão do Calendário Escolar”, por entenderem que os prejuízos são maiores quando se negligencia os processos de sucateamento das condições de trabalho e ensino na educação pública. Entendiam que manter um Calendário Escolar em curso, desconsiderando a existência de um movimento de greve, é pouco resolutivo, pois não soluciona a necessidade de reposição das aulas e não elimina a necessidade de discussão e construção coletiva de outro calendário escolar após o período da greve.

É importante lembrar que infelizmente, na nossa experiência de grevear, práticas do uso de “ferramentas do Estado” de fazer calar e dispersar, por vezes, foram engendradas e em alguns momentos conseguiram minar a efetuação do grevear. Assim, compareceu em nossas conversas a existência de trabalhadores do IFES que estiveram “à frente” do movimento grevista, principalmente, nos anos de 2011 e 2012 e que respondiam ainda em 2016 a um Processo Administrativo Disciplinar (PAD) aberto naquela época. Na rede, entre os trabalhadores, esses processos foram apelidados de “PAD eterno”, pois sabemos que ele estava relacionado a uma ocupação na reitoria que fora deliberada em assembleia sindical local e constituinte dos diversos atos de protestos e manifestações formulados com o movimento grevista.

Avaliamos que, neste contexto, o PAD pode ser compreendido como uma prática de controle com o objetivo de constranger a efetuação do grevear, pois,

embora ele escolha alguns nomes para “julgar”, os seus efeitos são sentidos em todo o coletivo dos trabalhadores. Uma vez que, ao estarmos/nos fazemos juntos:

[...] a gente acaba se envolvendo tanto um com o outro que a gente vira meio que um organismo. Um organismo que sente a dor do outro (Trabalhador do IFES).

Sentimos que o investimento desejante do grevear pulsa na construção coletiva de um compartilhamento de vida que produz um “nós” entre nós. Assim, sentimos co-engendrar com o grevear uma política da amizade, pautada na cooperação entre nós. É com o exercício da produção de um *êthos*, que a relação com o outro pode se fazer tendo por base a generosidade, a amizade. (CÉSAR, 2008, p. 64)

Considerações Finais: O Grevear é Verbo Coletivo.

Precisamos dizer que a pausa nos tempos acelerados, o desmonte nas prescrições, a co-fabulação produtora de inventividade e transformação em nossas práticas estimulada quando estamos/nos fazemos juntos não é vivida sem um embate nas relações de forças. A luta política, a luta desejante, por efetivarmos em tempos de greve e em tempos cotidianos de trabalho no IFES se faz como afirmação de práticas públicas e democráticas na educação pública e que se insere em um jogo de forças em relação com esses modos privatizantes de viver, de trabalhar a educação pública.

Grevear pulsa na construção coletiva de um compartilhamento de vida que produz um “nós” entre nós. Sentimos co-engendrar com o grevear uma política da amizade pautada na cooperação. Nesse sentido, a experiência de grevear nos possibilitou entrar em contato com diversas práticas de cuidado tecidas entre os trabalhadores como, por exemplo, o revezamento de caronas para garantir a participação de um maior número de colegas nas atividades de greve que ocorriam fora do campus de nossa atuação; a confiança (fiar junto) tecida para compartilhar com o outro o desafio de produzir saúde enquanto se enfrentava um câncer; a arrecadação de dinheiro entre os trabalhadores para doar a um colega de trabalho que enfrentava dificuldade financeira por motivo de doença de um de seus familiares; a

arrecadação de dinheiro entre outro grupo de trabalhadores para garantir a permanência de um aluno que conseguiu acessar a escola, mas precisava de ajuda até que pudesse participar dos recursos dos programas da “Assistência Estudantil”.

Embora essas práticas de arrecadação de dinheiro possam ser entendidas como paliativas, uma vez que não interrompem o funcionamento do sistema privatizante que não cessam de fabricar trabalhadores e alunos com dificuldades financeiras, compreendemos que o modo como se efetuam podem sim dizer de uma produção de vínculo e de uma política da amizade, que não se faz pela via do assujeitamento ou tutela do outro. Práticas de tutela que por vezes fabricam processos de vitimização, infantilização e violação de direitos. É importante sinalizar um fio de navalha que coloca em risco a atualização individualizante de tutelar e a produção coletiva e efetiva de cuidar.

É caro para nós afirmar que a efetuação do verbo grevar reverbera em um aumento da produção inventiva e transformadora das nossas práticas e, desse modo, a importância de sua efetuação consiste dessa potência de co-fabulação que é estimulada por estarmos/nos fazermos juntos. Por isso, grevar é produtivo e importante para uma luta coletiva e cotidiana de invenção e afirmação de práticas públicas e democráticas na educação pública.

Com o grevar, são as prescrições que perdem consistência e com esse desmonte o que se vê interromper são as práticas burocráticas, movimentadas por uma produtividade tarefista que contribui para conservação e manutenção das formas hegemônicas privatizantes em curso. Por essa questão do desmonte nas prescrições podemos compreender como grevar se faz desútil, isto é, se faz importante.

O exercício, assim, de atenção às nossas práticas efetivadas com o grevar não está separado do empreendimento de ações. Queremos tomar esse ponto a fim de afirmar que é com ações que o grevar se faz verbo. Há uma aposta ética e política presente no grevar de exercitar uma reflexão encarnada, ou seja, pensar operando transformação de práticas ao mesmo tempo em que as práticas operam transformação de pensamentos.

Assim, a conjugação do verbo Grevear expande a vida em potência, em coletividade e afetividade. Conjuguar o verbo grevear nos tempos de vida aponta, dessa forma, para o caráter público e coletivo de uma ação. Tão pública e coletiva quanto a praça a beira do Rio Sena, em Paris. Afinal, grevear aponta muito menos para onde estamos e mais para como estamos nos fazendo juntos.

Referências

- BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- _____. **Memórias inventadas: a segunda infância**. São Paulo: Planeta, 2006.
- CÉSAR, Janaína Mariano. **Processos grupais e o plano impessoal: a grupalidade fora *no* grupo**. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. São Paulo: Graal, 1988.
- _____; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. São Paulo: Editora 34, 2011.
- _____; PARNET, Claire. **Diálogos**. Lisboa: Relógio D' Água Editores, 2004.
- FOUCAULT, Michel. Método. In: **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. São Paulo: Graal; 2010.
- _____. **Repensar a Política: Ditos e Escritos VI**. São Paulo: Forense Universitária, 2011.
- _____. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011a.
- GUATTARI, Félix. **Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Braziliense, 1987.
- _____. **Caosmose: um novo paradigma estético**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.
- LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e ação**, Santa Cruz, v. 19, n. 2, p. 04-27, jul./dez. 2011.
- LIMA, Marcelo. Anotações do áudio gravado pelo Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica, Profissional e Tecnológica (SINASEFE/ seção IFES) do ato SOS PROEJA no auditório do IFES – Campus Vitória. Áudio Disponível in: sede do Sinasefe.
- LIMA FILHO, Domingos Leite. Expansão da educação superior e da educação profissional no Brasil: tensões e perspectivas. **Revista Educação em Questão**, Natal, v.51, n.37, pp. 195-223, jan./abr. 2015.

NEVES, Cláudia Elizabeth Abbês Baeta. **Interferir entre desejo e capital**. 2002. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

RODRIGUES, Ana Cabral; SILVA, Marcos Eichler de Almeida. Interstícios. In: Seminário Internacional Políticas de la memória - Recordando a Walter Benjamin. 3., 2010, Buenos Aires. [Trabalhos apresentados]. Disponível em: <<http://conti.derhuman.jus.gov.ar/2010/10/seminario.shtml>>.

SILVA, Maria Izabel Costa da Silva. **Pronatec e as Artes de Governar: capturas e apropriações em uma Escola Federal do Espírito Santo**. UFES: Programa de Pós- Graduação em Psicologia Institucional. 2015.

TEDESCO, S.; SADE, C.; CALIMAN, L. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. **Fractal: Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, maio/ago. 2013. Disponível em: <<http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/Fractal/article/view/1112/863>>. Acesso em: 04 nov. 2014.

ULPIANO, Claudio. **Corpo orgânico e corpo histórico**. 1995. Aula em áudio disponibilizada em 30 mar. 2010. In: Centro de Estudos Claudio Ulpiano. Disponível em: <www.claudioulpiano.org.br>.

Data de envio: 08 de Novembro de 2016.

Data de aceite: 19 de Maio de 2017.